

MAX HEINDEL

PARSIFAL

Célebre Drama Musical Místico de Wagner



Parsifal e o Santo Graal, Jean Augustus Knapp

FRATENIDADE ROSACRUZ - CENTRO DO RIO DE JANEIRO

Ao olharmos ao nosso redor, no universo material, vemos miríades de formas. Todas elas têm uma certa vibração e muitas emitem um som definido; na verdade todas o fazem, pois há som mesmo na chamada Natureza inanimada. O vento na copa das árvores, o murmúrio do regato, o marulho do oceano, são contribuições definidas para a harmonia da Natureza.

Destes três atributos da Natureza, forma, cor e som, a forma é o mais estável, tendendo a permanecer no *status quo* por muito tempo e mudando lentamente. Por outro lado, a cor muda com mais facilidade, desvanece, e há algumas cores que mudam seu matiz quando colocadas à luz em diferentes ângulos; mas o som é o mais fugaz dos três; vai e vem como um fogo-fátuo, que ninguém pode agarrar ou reter.

Há, também, três artes que procuram expressar o bom, o verdadeiro e o belo nestes três atributos da Alma do Mundo: escultura, pintura e música.

O escultor que lida com a forma procura aprisionar a beleza numa estátua de mármore que, por milênios, resistirá à inclemência do tempo; porém, uma estátua de mármore é fria e fala apenas a alguns poucos que são evoluídos e capazes de impregnar a estátua com suas próprias vidas.

A arte do pintor trabalha principalmente com a cor; não dá forma palpável às suas criações. Do ponto de vista material, a forma numa pintura é uma ilusão, entretanto, é muito mais real para a maioria das pessoas do que a verdadeira estátua tangível, pois as formas do pintor são vivas. Há beleza viva na pintura de um grande artista, uma beleza que muitos podem perceber e apreciar.

Mas no caso de uma pintura somos novamente afetados pela alteração de cor; o tempo logo empana seu frescor e, na melhor das hipóteses, nenhuma pintura durará mais do que uma estátua.

Contudo, nas artes que lidam com forma e cor, há uma criação permanente; elas têm isso em comum, e nisso diferem radicalmente da arte do som, pois a música é tão indefinível que deve ser recriada cada vez que desejamos apreciá-la, e tem um poder de falar a todos os seres humanos de uma maneira que está além das outras duas artes. Aumenta nossas alegrias e conforta nossas mais profundas tristezas. Pode acalmar a paixão de uma natureza selvagem e despertar

a bravura no maior covarde; é o fator mais poderoso conhecido pelo homem para exercer influência sobre a humanidade, e, no entanto, analisada unicamente sob o ponto de vista material, é supérflua, como demonstrado por Darwin e Spencer.

Somente quando nos encontramos atrás dos bastidores do visível e compreendemos que o homem é um ser composto de Espírito, alma e corpo, é que entendemos por que somos tão diversamente afetados pelas três artes.

Enquanto o homem vive uma vida exterior no mundo da forma, uma vida de forma entre outras formas, também vive uma vida interior, que é muito mais importante para ele. Uma vida onde seus sentimentos, pensamentos e emoções criam diante de sua "visão interna" quadros e cenas em contínua mudança. Quanto mais intensa for esta vida interior, menos necessidade terá o homem de procurar companhia fora de si mesmo, pois ele é seu melhor companheiro, independente de entretenimento exterior, tão ansiosamente procurado por aqueles cuja vida interior é árida, que conhecem legiões de outras pessoas, mas sentem-se estranhas a elas, receosas de sua própria companhia.

Se analisarmos esta vida interior veremos que ela é dupla:

1. A vida da Alma, que lida com os sentimentos e emoções.
2. A atividade do Ego, que dirige todas as ações pelo pensamento.

Assim como o mundo material é a base de suprimento de onde os materiais para nosso corpo denso são extraídos (e que é preeminentemente o mundo da forma), existe também um mundo da alma, chamado Mundo do Desejo entre os Rosacruz, que é a base de onde as vestes sutis do Ego, que chamamos a alma, foram tiradas, e este é, particularmente, o mundo da cor. O ainda mais sutil Mundo do Pensamento é o lar do Espírito Humano, o Ego, e o reino do som. Portanto, das três artes, a música exerce o maior poder sobre o homem. Nesta vida terrestre nós estamos exilados de nosso lar celestial e, frequentemente, esquecemos nossa herança Divina quando envolvidos em atividades materiais, mas, então, ouvimos música e sentimos o fragrante odor carregado de memórias inexprimíveis. Como um eco vindo do lar, ela faz-nos lembrar aquela terra esquecida, onde tudo é alegria e Paz e, mesmo que possamos olvidar tais ideias em nossa mente material, o Ego conhece cada nota abençoada como uma mensagem vinda da terra natal, e alegra-se com isso.

É necessário uma compreensão da natureza da música para apreciar devidamente esta obra-prima que é Parsifal, de Richard Wagner, onde a música e os personagens estão interligados como em nenhuma outra produção musical moderna.

O drama de Wagner é baseado na lenda de Parsifal, que tem sua origem envolta no mistério que sombreia a infância da raça humana. É uma ideia errônea supor que um mito é uma invenção da fantasia humana, sem fundamento. Ao contrário, um mito é uma caixa contendo as mais profundas e preciosas joias da verdade espiritual, pérolas de beleza tão rara e etérea que não podem permanecer expostas ao intelecto material. Para protegê-las e ao mesmo tempo permitir que atuem sobre a humanidade para sua elevação espiritual, os Grandes Mestres são os guias da evolução. Invisíveis mas poderosos, eles dão à humanidade nascente estas verdades espirituais, envoltas no pitoresco simbolismo dos mitos, para que possam trabalhar sobre nossos sentimentos até que nossos intelectos nascentes tenham se tornado suficientemente evoluídos e espiritualizados para que nós possamos tanto sentir como entender.

Este é o mesmo princípio pelo qual transmitimos aos nossos filhos ensinamentos morais por meio de livros contendo gravuras e histórias de fadas, reservando os ensinamentos mais profundos para o futuro.

Wagner fez mais do que simplesmente copiar a lenda. As lendas, na verdade, quando transmitidas tornam-se limitadas e perdem sua beleza. É uma evidência marcante da grandeza de Wagner, que ele nunca se deixou influenciar por modismos ou credos. Sempre afirmou a prerrogativa da arte ao lidar com alegorias e o fez espontânea e livremente.

Como ele diz em Religião e Arte: "Pode-se dizer que onde a religião se torna artificial, é reservado à arte salvar o espírito da religião reconhecendo o valor figurativo do símbolo místico - o qual a religião queria que acreditássemos num sentido literal - e revelar suas profundas e ocultas verdades através de uma apresentação ideal... Enquanto o sacerdote apoia tudo nas alegorias religiosas para que sejam aceitas como realidade, o artista não tem preocupação alguma com tal coisa, pois, aberta e livremente, divulga sua obra como sua própria criação. Mas, a religião afundou-se numa vida artificial quando se sentiu compelida a continuar aumentando o edifício de seus símbolos dogmáticos e, conseqüentemente, ocultando a única verdade

divina sob um sempre crescente amontoado de incredibilidades, as quais recomenda que se acredite. Sentindo isto, ela sempre procurou o auxílio da arte que, por sua vez, permaneceu incapaz de uma maior evolução enquanto precisasse apresentar essa pretensa realidade para o devoto, sob a forma de amuletos e ídolos, visto que só poderia cumprir sua verdadeira vocação quando, por uma apresentação ideal da figura alegórica, levasse a compreensão de sua essência interior - a verdade inefavelmente divina".

Considerando novamente o drama de Parsifal, observamos que a cena de abertura situa-se nas terras do Castelo de Monte Salvat. Este é um lugar de paz onde toda vida é sagrada; os animais e aves são mansos porque os cavaleiros são inofensivos, não matando nem para comer nem por esporte, como fazem os homens realmente santos. Aplicam a todas as criaturas vivas a máxima: "Vivei e deixai viver".

Amanhece e vemos Gurnemanz, o mais velho dos Cavaleiros do Graal, com dois jovens escudeiros, sob uma árvore. Acabaram de acordar de seu repouso noturno, e percebem Kundry à distância, que se aproxima galopando num corcel selvagem. Vemos em Kundry uma criatura de dupla existência. Uma, como servidora do Graal, disposta e ansiosa por favorecer, por todos os meios ao seu alcance, os interesses dos Cavaleiros do Graal. Esta parece ser sua verdadeira natureza. A outra, como relutante escrava do Mago Klingsor, é forçada por ele a tentar e a importunar os Cavaleiros do Graal, aos quais anseia servir. A passagem de uma existência para a outra é mediada pelo sono", e ela está prestes a servir quem a encontre e a acorde. Quando Gurnemanz a encontra, ela é a desejosa servidora do Graal, mas quando Klingsor a invoca com suas magias perversas, e ele tem direito a seus serviços, ela tem de servi-lo, quer queira ou não.

No primeiro ato, ela está vestida com um manto de pele de serpente, símbolo da doutrina do renascimento, Pois, assim como a serpente troca sua própria pele expelindo camada por camada, assim também o Ego em sua peregrinação evolucionária emana de si próprio um corpo após outro, expelindo cada veículo como a serpente expele sua pele quando esta se torna dura, rígida e cristalizada, perdendo assim sua eficiência. Esta ideia também se insere nos ensinamentos da Lei de Consequência, que os devolve, como colheita, tudo o que semeamos, e isto está explícito na resposta de Gurnemanz ao jovem escudeiro pela confissão da falta de confiança em Kundry:

*"Sob uma maldição ela bem pode estar
De alguma vida passada que não vemos,
Procurando do pecado o grilhão soltar,
Por ações pelas quais melhor passemos.
Certamente este bem, assim ela o está seguindo,
Ajudando-se a si mesma, quanto a nós servindo".*

Quando Kundry entra em cena, retira do seio um frasco que diz ter trazido da Arábia, esperando que seja um bálsamo para o ferimento que Amfortas, o Rei do Graal, tem num lado do corpo e que lhe causa sofrimentos indizíveis e não cicatriza. O rei sofredor é então carregado para o palco e deitado num sofá. Está a caminho de seu banho diário, no lago próximo, onde dois cisnes nadam e transformam a água numa loção curativa que alivia seus terríveis sofrimentos. Amfortas agradece a Kundry, mas acredita que não há alívio para ele até que venha o libertador profetizado pelo Graal: *"Um simplório puro, iluminado pela piedade"*. Mas Amfortas pensa que a morte virá antes da libertação.

Amfortas é carregado para fora, e quatro dos jovens escudeiros reúnem-se ao redor de Gurnemanz e pedem-lhe que conte a história do Graal e do ferimento do rei. Todos se recostam debaixo da árvore e Gurnemanz começa:

"Na noite em que Nosso Senhor e Salvador, Cristo Jesus, celebrou a última Ceia com Seus discípulos, Ele bebeu o vinho de certo cálice, que mais tarde foi usado por José de Arimatéia para colher o sangue da vida que fluía do ferimento do Redentor. Também guardou a lança ensanguentada usada para feri-lo, e carregou consigo essas relíquias através de muitos perigos e perseguições. Por fim, elas ficaram aos cuidados dos Anjos, que as guardaram até a noite em que um mensageiro místico, enviado por Deus, apareceu e ordenou a Titurel, pai de Amfortas que construísse um castelo para receber e proteger essas relíquias. Assim, o Castelo de Monte Salvat foi construído numa montanha, e as relíquias foram ali depositadas, sob a guarda de Titurel e de um grupo de santos e castos cavaleiros que havia atraído à sua volta. Este lugar tornou-se um centro de onde influências espirituais poderosas fluíam para o mundo exterior.

"Mas, num distante e agreste vale, vivia um cavaleiro negro que não era casto, mas desejava tornar-se um Cavaleiro do Graal. Para tanto, mutilou-se. Privou-se da capacidade de gratificar sua paixão, mas esta permaneceu nele. O Rei Titurel notou seu coração repleto de desejos inferiores, e recusou-se a

admiti-lo. Klingsor então jurou que se não pudesse servir ao Graal, o Graal o serviria. Construiu um castelo com um jardim mágico e povoou-o com donzelas de beleza arrebatadora. Elas recendiam a flores perfumadas e abordavam os Cavaleiros do Graal (que deviam passar pelo castelo ao sair ou voltar ao Monte Salvat) enganando-os para atrair sua confiança e violar seus votos de castidade. Assim, muitos se tornaram prisioneiros de Klingsor e apenas alguns permaneceram como defensores do Graal.

"Nesse ínterim, Titurel havia delegado a guarda do Graal a seu filho Amfortas e este, vendo a grave devastação provocada por Klingsor, resolveu ir ao seu encontro e combatê-lo. Com esse propósito levou consigo a lança sagrada.

"O astuto Klingsor não foi pessoalmente ao encontro da Amfortas, mas evocou Kundry e transformou-a, da criatura hedionda que apareceu como serva do Graal, numa mulher de beleza transcendental. Sob a magia de Klingsor ela encontrou e tentou Amfortas, que. rendeu-se caindo em seus braços, deixando escapar das mãos a lança sagrada. Klingsor então apareceu, agarrou a lança, feriu o indefeso Amfortas e, se não fosse pelos esforços heróicos de Gurnemanz, teria levado Amfortas prisioneiro para seu castelo mágico. No entanto, ele detém a lança sagrada enquanto o rei encontra-se inválido pelo sofrimento, pois a ferida não se cicatrizará".

Os jovens escudeiros erguem-se exaltados, jurando subjugar Klingsor e recuperar a lança. Gurnemanz sacode tristemente a cabeça dizendo que a tarefa é superior às suas forças, mas reitera a profecia de que a redenção virá por *"um simplório puro, iluminado pela piedade"*.

Ouvem-se gritos: *"O cisne! Oh, o cisne!"* e um cisne cruza o palco em grande agitação e cai morto aos pés de Gurnemanz e dos escudeiros, que ficam muito agitados pela visão. Outros escudeiros trazem um jovem intrépido, armado de arco e flecha que, à triste pergunta de Gurnemanz: *"Por que mataste a inofensiva criatura?"* responde inocentemente: *"Fiz mal?"* Gurnemanz fala-lhe então sobre o rei sofredor e da contribuição do cisne na preparação do banho curativo. Parsifal fica profundamente comovido pela narrativa e quebra seu arco.

Em todas as religiões, o espírito vivificante tem sido simbolicamente representado por uma ave. No Batismo, quando o corpo de Jesus estava na água, o Espírito de Cristo

desceu sobre ele na forma de uma pomba. *"O Espírito move-se sobre as águas"*, um meio fluídico, como os cisnes se movem no lago debaixo do Yggdrasil, a árvore da vida da mitologia nórdica, ou sobre as águas do lago na lenda do Graal. A ave é, portanto, a representação direta da mais alta influência espiritual e, com razão, os cavaleiros entristeceram-se com a perda. A verdade tem muitas facetas. Há pelo menos sete interpretações válidas para cada mito, uma para cada mundo. Encarada pelo lado material e literal, a compaixão gerada em Parsifal e o ato de quebrar seu arco, marcam um passo definido para a vida mais elevada. Ninguém pode ser verdadeiramente compassivo e almejar a evolução, enquanto matar para comer, seja de forma pessoal ou indireta. A vida inofensiva é um requisito absoluto e essencial para a vida prestativa.

Gurnemanz começa a questioná-lo: quer saber quem é ele e como chegou ao Monte Salvat. Parsifal demonstra a mais surpreendente ignorância. A todas as perguntas, responde: *"Eu não sei"*. Por fim, Kundry diz em voz alta: *"Eu posso dizer-vos quem ele é. Seu pai era o nobre Gamuret, um príncipe entre os homens, que morreu combatendo na Arábia enquanto este jovem estava ainda no ventre de sua mãe, Lady Herzleide. Em seu último suspiro, seu pai chamou-o Parsifal, o simplório puro. Sua mãe temendo que ele pudesse crescer, aprender as artes da guerra e ser afastado dela, criou-o numa densa floresta na ignorância de armas e guerras"*.

Aqui Parsifal interrompe e diz: *"Sim, um dia eu vi alguns homens montados em belos animais e quis ser igual a eles, por isso segui-os por muitos dias até que cheguei aqui e tive que lutar com muitos monstros semelhantes aos homens"*.

Nesta história temos um excelente quadro da alma à procura das realidades da vida. Gamuret e Parsifal são fases diferentes da vida da alma. Gamuret é o homem do mundo que se casou com Herzleide, que representa um coração aflito. Conhece o infortúnio e morre para o mundo, como todos nós fazemos quando ingressamos numa vida superior. Enquanto a barca da vida flutua nos mares do verão e nossa existência parece uma bela e doce melodia, não há incentivo para voltarmos para a vida superior; cada fibra em nosso corpo grita "Isto é suficientemente bom para mim". Mas, quando os vagalhões da adversidade elevam-se à nossa volta e cada nova onda ameaça tragar-nos, então, unidos às aflições do coração, tornamo-nos homens sofredores e estamos prontos para nascer como Parsifal, o simplório ou a alma pura que esqueceu a sabedoria do mundo e está à

procura da vida superior. Enquanto o homem procurar acumular dinheiro ou aproveitar a vida, como tão equivocadamente se diz, ele torna-se sábio pela sabedoria do mundo; mas, quando passa a encarar as coisas do Espírito, torna-se um simplório aos olhos do mundo. Esquece tudo sobre sua vida passada e deixa para trás suas tristezas, como Parsifal deixou Herzleide, que morreu quando Parsifal não voltou para ela. Assim, a tristeza morre quando dá nascimento à alma aspirante que foge do mundo. O homem pode estar no mundo para cumprir seu dever, mas não ser do mundo.

Gurnemanz está imbuído com a ideia de que Parsifal vai ser o libertador de Amfortas e o leva ao Castelo do Graal. E, à pergunta de Parsifal: "O que é o Graal?" ele responde:

*"Não podemos dizê-lo; mas se por Ele tu foste enviado.
De ti a verdade não ficará escondida.
Julgo que tua face me é conhecida.
Nenhum caminho conduz ao Seu Reino,
E a procura d'Ele mais distante te vai levar,
Se não for Ele próprio a te guiar".*

Aqui vemos Wagner levando-nos de volta aos tempos anteriores ao Cristianismo. Antes do advento de Cristo, a Iniciação não estava liberada para "quem quisesse" procurá-la, mas era reservada para alguns escolhidos, como os Brâmanes e os Levitas, aos quais foram dados privilégios especiais como recompensa por terem sido dedicados ao serviço do templo. Contudo, a vinda de Cristo estabeleceu certas mudanças definidas na constituição da humanidade, de modo que agora todos podem entrar no caminho da Iniciação. De fato, tinha que ser assim, quando os casamentos entre as várias nacionalidades dissolveram as castas.

No Castelo do Graal, Amfortas está sendo pressionado de todos os lados para officiar o rito sagrado do Graal, para descobrir o cálice sagrado a cuja visão possa ser renovado o ardor dos cavaleiros impulsionando-os a atos de serviço espiritual. Mas, ele se esquiva, com medo da dor que a visão lhe irá causar. O ferimento sempre volta a sangrar à vista do Graal, como a dor do remorso aflige a todos nós quando pecamos contra o nosso ideal. Finalmente, ele cede aos rogos conjuntos de seu pai e dos cavaleiros. Celebra o rito sagrado, embora durante todo o tempo sofra a mais torturante agonia. Parsifal, que está a um canto, sente, por compaixão, a mesma

dor, sem compreender a razão. Depois da cerimônia, Gurnemanz pergunta-lhe ansiosamente o que ele viu, mas ele permanece mudo e, por ter ficado desapontado, o velho cavaleiro irado expulsa-o do castelo.

As emoções e os sentimentos não controlados pelo conhecimento são fontes férteis de tentação. A própria inocência e a sinceridade da alma que aspira, frequentemente tornam-se uma presa fácil do pecado. Para o crescimento da alma é necessário que surjam essas tentações, a fim de revelar nossos pontos fracos. Se caímos, sofremos como Amfortas sofreu. Mas a dor desenvolve a consciência e traz aversão ao pecado, tornando-nos fortes contra a tentação. Toda criança é inocente porque não foi tentada. Porém, só quando tivermos sido tentados e permanecermos puros, ou quando após a queda arrependermos-nos e corrigimo-nos, é que somos virtuosos. Consequentemente, Parsifal deve ser tentado.

No segundo ato, vemos Klingsor no momento de invocar Kundry, pois percebeu que Parsifal vem em direção ao seu castelo, e ele o teme mais do que a qualquer outro que tenha vindo antes, porque ele é um simplório. Um homem prudente, conhecedor do mundo, não é facilmente levado pelas tentações, mas a ingenuidade de Parsifal o protege. E, quando as meninas flores agrupam-se em torno dele, ele inocentemente pergunta: *"Vocês são flores? Vocês cheiram tão bem!"* Contra ele é necessária a astúcia refinada de Kundry e, embora ela implore, proteste e se rebele, é forçada a tentar Parsifal. Para isso apresenta-se como uma mulher de grande beleza, chamando Parsifal pelo nome. Esse nome desperta-lhe lembranças de sua infância, do amor de sua mãe. Kundry chama-o para perto de si e começa a trabalhar sutilmente sobre seus sentimentos, fazendo voltar à sua memória visões do amor de sua mãe e da tristeza que ela sentiu com sua partida, o que pôs termo à sua vida. Depois, fala-lhe sobre outro amor. o que pode compensá-lo, o amor do homem pela mulher, e, por fim, dá-lhe um longo, ardoroso e apaixonado beijo.

Segue-se um silêncio profundo e terrível, como se o destino de todo o mundo estivesse pendente desse beijo apaixonado. Enquanto ela o prende em seus braços, o rosto de Parsifal muda gradualmente e torna-se a estampa da dor. De repente, ele salta como se esse beijo tivesse causado em seu ser uma nova dor, as linhas de sua face pálida acentuam-se, e ambas as mãos apertam fortemente seu coração palpitante, como para reprimir uma terrível agonia - o cálice do Graal surge

diante de sua visão. Depois, Amfortas aparece na mesma terrível agonia, e, por fim, ele grita: *"Amfortas, oh. Amfortas! Agora eu sei - o ferimento da lança no teu lado - ele queima meu coração, ele queima minha própria alma... Oh dor! Oh miséria! Angústia indescritível! A ferida está sangrando aqui no meu próprio lado!"*.

Depois, novamente, com o mesmo terrível esforço: *"Não, este não é o ferimento da lança no meu lado, isto é fogo e chama dentro de meu coração, que inclinam meus sentidos ao delírio, a espantosa loucura do tormento do amor... Agora eu sei porque as pessoas ficam agitadas, excitadas, convulsionadas e frequentemente perdidas pelas terríveis paixões do coração"*.
'Kundry o tenta novamente: *"Se este único beijo te trouxe tanta sabedoria, quanto mais sabedoria tu terás se cederes ao meu amor, mesmo que seja só por uma hora?"*

Mas não há hesitação agora. Parsifal despertou, distingue o certo do errado e responde: *"A eternidade estaria perdida para nós dois se eu sucumbisse a ti, mesmo por apenas uma curta hora. Mas eu te salvarei e também te libertarei da maldição da paixão, pois o amor que arde em ti é apenas sensual, e entre esse e o verdadeiro amor dos corações puros, abre-se um abismo como o que existe entre o céu e o inferno"*.

Finalmente, Kundry reconhece estar derrotada, mas tem um acesso de raiva. Chama Klingsor para ajudá-la, e ele aparece com a lança sagrada, que arremessa contra Parsifal. Mas ele é puro e inofensivo, portanto nada pode feri-lo. A lança flutua inofensivamente acima de sua cabeça. Ele a agarra, faz com ela o sinal da Cruz e o castelo de Klingsor e o jardim mágico desmoronam em ruínas.

O terceiro ato começa na Sexta-feira Santa, muitos anos depois. Um guerreiro, exausto da viagem, vestido com uma cota de malha negra, adentra a propriedade de Monte Salvat, onde Gurnemanz vive numa cabana. Tira seu elmo, pousa uma lança contra uma rocha próxima e ajoelha-se para rezar. Gurnemanz entra com Kundry, que acaba de encontrar adormecida no bosque, reconhece Parsifal com a lança sagrada e, radiante, dá-lhe as boas vindas, perguntando de onde ele vem.

Tinha feito a mesma pergunta na primeira visita de Parsifal e a resposta fora: *"Eu não sei"*. Mas, desta vez, é muito diferente, pois Parsifal responde: *"Venho da busca e do sofrimento"*. A primeira experiência retrata um dos

vislumbres que a alma tem das realidades da vida superior, mas a segunda é a consciente chegada do homem a um nível superior de atividade espiritual, que desenvolveu através de tristezas e sofrimentos. Parsifal conta como foi penosamente assediado por inimigos, e poderia ter-se salvado se usasse a lança, mas sempre se conteve, pois ela era um instrumento para curar e não para ferir. A lança é o poder espiritual que chega à vida e aos corações puros, mas só deve ser usada para propósitos altruístas; impureza e paixão causam a sua perda, como sucedeu a Amfortas. Embora o homem que a possuiu pôde usá-la para alimentar cinco mil pessoas famintas, não transformou uma simples pedra em pão para saciar sua própria fome. Embora a tenha usado para estancar o sangue que correu da orelha decepada de um captor, não a usou para estancar o sangue vital que se esvaiu de seu próprio lado. Sempre foi dito sobre isto: "*Outros Ele salvou; não pôde (ou não quis) salvar-se a Si próprio*".

Parsifal e Gurnemanz entram no Castelo do Graal onde Amfortas está sendo instado para celebrar o rito sagrado, mas ele se recusa, pois quer salvar-se da dor que sempre o aflige quando vê o Santo Graal. Descobrindo seu peito, implora a seus seguidores que o matem. Neste momento, Parsifal aproxima-se dele e toca seu ferimento com a lança, curando-o. Contudo, destrona Amfortas e assume a guarda do Santo Graal e da Lança Sagrada. Somente aqueles dotados do mais perfeito altruísmo, unido ao melhor discernimento, estão aptos a receber o poder espiritual simbolizado pela lança. Amfortas tê-la-ia usado para atacar e ferir um inimigo. Parsifal não a usaria nem para defender-se. Portanto, ele está apto a curar, enquanto Amfortas caiu na cova que havia aberto para Klingsor.

No último ato, Kundry, que representa a natureza inferior, diz apenas uma palavra: Serviço. Por seu trabalho perfeito ela ajuda Parsifal, o Espírito, a realizar-se. No primeiro ato, ela adormeceu quando Parsifal visitou o Graal. Nesse estágio, o Espírito não pode elevar-se aos céus, a não ser quando o corpo está adormecido ou morto. Mas, no último ato, Kundry, o corpo, também vai ao Castelo do Graal, que é dedicado ao Eu superior, e quando o Espírito, como Parsifal, alcançou a meta, ele conseguiu atingir o estágio de libertação mencionado na Revelação: "*Aquele que vencer, Eu o convertereirei num pilar na casa de meu Deus, e dali não sairá mais*". Esse alguém irá trabalhar para a humanidade desde os mundos superiores; não necessitará mais do corpo denso; estará além da Lei do Renascimento e, conseqüentemente, Kundry morre.

Em seu lindo poema "*The Chambered Nautilus*", (O Náutilo Enclausurado), Oliver Wendell Holmes personificou esta idéia de progressão constante em veículos gradativamente melhorados, e a libertação final. O náutilo constrói sua concha espiralada dividida em compartimentos, deixando constantemente as menores - que tornaram-se pequenas pelo seu crescimento - pela última que construiu.

"Ano após ano, sempre no silêncio prossegue na labuta de ampliar suas reluzentes espirais; e, à medida que elas crescem mais, deixa a morada do ano que passou e na nova vai habitar.

Com suaves passadas deslizando através dos umbrais construídos com vagar, acomoda-se outra vez em novo lar e não mais o anterior vai recordar.

*Pela mensagem celeste que me trazes, graças te dou, filho do oceano, lançado do teu meio desolado!
Dos teus lábios mortos nasce uma nota mais clara que quaisquer das que Tritão já tirou do seu corno espiralado!*

Enquanto em meus ouvidos ela soar, através das cavernas profundas do pensamento ouço uma voz, a cantar:

*"Oh! Minh'alma, constrói Par ti mansões mais majestosas. enquanto as estações passam ligeiramente!
Abandona o teu invólucro finalmente;*

Deixa cada novo templo, mais nobre que o anterior, com cúpula celeste com domo bem maior, e que te libertes decidida, largando tua concha superada nos agitados mares desta vida".



Fraternidade Rosacruz - Centro Autorizado do Rio de Janeiro
Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 20521-210
Telefone celular: (21) 9548-7397 - E-mail: rosacruzmrhrio@gmail.com